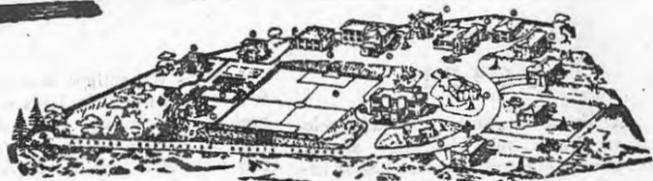




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

4 DE MARÇO DE 1961
ANO XVII — N.º 443 Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ANIVERSÁRIO

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

A FINAL é todo o ano, é sempre. Não há um número sequer que a não traga. Seja uma carta por inteiro, sejam retalhos dela — são testemunhos da Vida que o Famoso transmite, assim como no acto vital da oxigenação do sangue a toda a inspiração corresponde expiração.

Esta é a marca específica de «O Gaiato»: A circulação que estabeleceu há 17 anos e mantém ainda hoje, mais pujante do que nunca, superando, quinzena após quinzena o risco de repetição.

Eu não me canso de meditar este mistério e sei que nunca o esgotarei. Um só tema — Pobres e as suas dores — tratado em imensidade de variações. Um só assunto apresentado: não em «natureza morta» de cores carregadas — sim com escuro de um lado, do outro alvoroço da Esperança que se torna Realidade quando o Amor Fraternal é real nas nossas inteligências e nos nossos corações.

Permitir os tons dolorosos e ficar carpindo ou esbracejando impropérios seria morbidez ou demagogia. «O Gaiato» não é um jornal de desespero; é inconformista diante dos dormentes, «porque já é hora de nos erguermos do sono», porque já chegou (há 2.000 anos quase!) «o tempo propício, o dia da salvação». E muitos ainda não repararam nele, porque outros caminharam em pés de lã, confundindo o sono reparador com letargia, pausa reconfortante na luta contra os desvios dos homens com negação dos mesmos desvios.

Há tantos que não têm sido bons porque ainda ninguém os ensinou a ser bons! E estimam e agradecem e beijam-nos as mãos pecadoras quando lhes revelamos verdades, amargas verdades, que os estimulam à penitência do Amor, que conduz à Justiça e realiza a Paz.

Como teria sido possível o Património dos Pobres e as mais de 2.000 casas construídas se Pai Américo não mostrara primeiro a cortelha clamando pela fraternidade dos irmãos bens instalados para se transformar em morada digna?!

Será «poesia da miséria», ou demagogia, continuar lembrando aos tocados que tornam possíveis estas 2.000 casas (e a outras almas de boa vontade que urge acordar), que ainda faltam milhares e milhares de famílias por abrigar humanamente e que o nosso programa é de consciência e termina nas «tantas quantas...», quando não houver nenhuma família sem Lar?!

COLISEU

27 de Abril, 5.ª feira, às 21,30, lá nos encontraremos todos, se Deus quiser.

Este ano era para não ser a Festa. A do ano passado deixou-nos as mais gratas recordações; mas também se não apagou a lembrança do reboliço da preparação, acrescido pelas deslocações a Coimbra, Lisboa e Setúbal. Era, pois, para não ser a Festa. Porém, os vendedores do Famoso já trazem recados: — Quando é a Festa?

Depois, clama por nós, a enchente que foi e a que seria se pudéssemos ter repetido, de tantos pedidos de bilhetes que ficaram sem resposta.

Não, não temos o direito de ser preguiçosos. A Festa tem de ser. O programa é secundário. Essencial é aparecermos ao convite tão amigo de uma Cidade que não se cansa de nos rever.

Hoje, ainda não posso adiantar grande coisa sobre o espectáculo.

Nomeámos empresário geral e director de cena o nosso Américo, que no Natal se saiu tão bem no nosso palco, com êxito confirmado em Cête e Gondarém, aonde foram repeti-lo.

Espero que ninguém há-de ter razões para se arrepender. A menos que deixem para muito tarde o assunto dos bilhetes e fiquem sem eles!

O que não tem feito o Desordeiro! Desordens que são preparativo de uma arrumação autêntica segundo o critério da Virtude (no seu pleno sentido de força!) que não só «é a maior», como a única que permanecerá: Caritas nunquam excidit!

Os homens de boa vontade não perderam ainda o sentido dos valores de Eternidade. E por isso, ainda que feridos — e na medida do rasgão aberto — amam, agradecem, comungam nas dores e nas alegrias, «rindo e chorando com quem ri e chora» — sempre experimentando na «cidadela» interior da sua alma, a Paz, doce, mas carregada de mistério e contradição, como Jesus, o Senhor da Paz. Por isso eles se não cansam nem acham repetição.

Comecei, dizendo que é todo o ano, é sempre, que contamos e temos a colaboração dos leitores... Mas é costume uma colaboração extraordinária no número de aniversário e eu quase me ia perdendo, em vez de lhes dar a palavra!

CONT. NA QUARTA PÁGINA



Pai Américo sorrindo, acaricia.



FACETAS DE UMA VIDA

Passaram quatro meses desde a última carta, mas os assuntos ligam-se, nesta de 17-5-27. Ao interesse de trazer o Amigo à comunhão da sua Fé, o Américo juntou agora novo convite a uma participação em Caridade, dando-lhe notícias da sua «protegida», para que ele venha consigo, e por si, minorar-lhe o sofrimento.

A carta termina por um P. S.. Mal sabia o Américo de então, quando, e em que condições, a sua correspondência veria a luz dos prelos!

★

S.,
Duas cartas, é o que venho acusar. Muito satisfeito por ouvir que todos estão de razoável saúde, e também porque achou interessante o livro que lhe mandei e ainda o que indiquei para comprar. Sim. É um espírito equilibrado, o de Gomes Teixeira, e agora compreende v/ perfeitamente a diferença que existe entre os grandes sábios com intuição nítida do sentido da vida e os que se servem de teorias sui generis, para dar razão do que a s/ razão não alcança. Foi justamente para lhe frisar bem este ponto, que recomendei o livro. Veja, S: A verdade acode-nos fatalmente ao espírito, mas é preciso que a gente a procure e muitas vezes isso não se dá porque sucede que juntamente com a

ciência indiscutível de muitos sábios, anda misturado muito orgulho e egoísmo. Não sucede assim consigo, eu bem o sei. Também v/ gosta de subir aos píncaros da Ilha, procurar as grandes sensações do Infinito na contemplação da natureza; mas eu não quero que veja Deus na natureza, mas sim a natureza em Deus. Porque Deus não é a natureza, conquanto seja o seu creador. Deus não é a grande harmonia do cosmos nem como ela, vaga, indefinida, inconsciente. É antes, uma Substância inteligente, consciente, individual, importando-se com cada um de nós como se cada um de nós fosse a única criatura do mundo. Este é o seu, o meu, o nosso Deus. Não queira pois,

Continua na quinta página



TOJAL

A última campanha lançada pelo nosso jornal veio desmentir aquela impressão que tínhamos dos nossos leitores e amigos da Capital. Porquê? Porque precisamente têm sido os nossos queridos «alfacinhas» dos mais entusiasmados pela angariação de novos assinantes. Qual a razão? O interesse por uma Obra que a pouco e pouco se vai enraizando no coração de milhares de amigos, porque os seus alcerces têm por base Aquele que nunca cedeu: Deus. Mais nada.

Ora nós estamos muito contentes por sabermos que da Capital tem saído o maior entusiasmo por uma campanha a que nos habituamos a chamar dos «cinquenta mil». E nas ruas de Lisboa os nossos vendedores sentem-se mais à vontade e quando regressam as suas palavras são de esufiante alegria. E na quinzena seguinte, Senhor Padre José Maria pede ao Avelino que mande mais. Resultado: há mais famílias a saborear o suave alimento, (quem duvida que a leitura do Gaiato são páginas do Evangelho?) proporciona-se uma nova perspectiva aos nossos vendedores e, o que é mais importante, o mundo pode tornar-se melhor.

É justo, pois, que neste número de aniversário do «Famoso», lancemos um muito obrigado aos nossos leitores, amigos de Lisboa e pedir-lhes que continuem, na medida das suas possibilidades, a acarinharem os nossos rapazes, a angariar mais assinantes e sobretudo a amar a nossa querida Obra. E até breve, se Deus quiser.

Cândido Pereira

LAR DO PORTO

CONFERENCIA — Primeiramente vimos agradecer a todos os benfeitores quer comerciantes, quer industriais, que como nos demais anos, não nos têm esquecido pela festa natalícia, respondendo às nossas circulares.

Não citamos nomes mas, estejam descansados, porque todos os seus donativos chegaram até nós, como chegámos também à casa do Pobre, com as mãos mais cheias e com a alma radiante de alegria porque os donativos, só em dinheiro, foram de 7.000\$00 e qualquer coisa, não contando a roupa e utensílios.

O movimento do ano findo em dinheiro, passou dos 30 contos.

Em bens espirituais, alguns, que tivemos a graça de testemunhar. Mas a totalidade deles, em nós e nos pobres, só Deus a conhece.

Demos portanto graças a Deus. Falando nas coisas espirituais aproveite a ocasião de lembrar aos amigos leitores, termos um filho de um Pobre, prestes a casar e que não temos ainda uma roupa menos má para o levarmos ao Altar. Portanto bons amigos cá ficamos à espera dum fatinho para podermos ajudar um pouco mais a alegria deste novo lar, que já o é mas ilicitamente.

E posto isto, tomo a liberdade de dar conhecimento dos donativos que chegaram até nós durante o mês findo, são eles: para a Campanha tenha o seu Pobre, recebemos da anónima 7 de Maio 20\$, do Senhor Francisco Vasconcelos 100\$, Senhor Cruz da Beira — Africa as mensalidades até Junho as quais importam em 900\$00, do assinante 14.305, 20\$. Subscritores 518\$00 e aqui agradecemos a uma Senhora da Companhia dos Telefones e a uma outra do Douro Litoral gentileza o canseiras que têm tido em receber os nossos subscritores das ditas repartições. Recehemos ainda de M. D. de Campo Lindo, que tem sido para nós mais que uma amiga, 20\$ para o seu Pobre.

De Ordins 4 chales que nos fizeram um jeito. Senhor Padre Aires continuí a não se esquecer de nós e obrigado pelos bons e quentinhos que nos mandou. E para terminar esta proccissão veio até nós uma Senhora com uma cama completa e mais alguma roupa.

A todos vós amigos leitores e benfeitores, em nome de Deus e dos Pobres, muito obrigado e não se esqueçam da nossa Conferência, que agora tem mais uma leva de vicentinos ainda mais jovens do que os que já eram e que estão com bastante gosto na empresa que tomaram, para que nós os mais velhos os possamos encaminhar melhor para a casa dos necessitados afim de não esquecerem tão facilmente donde viemos e o que somos.

Nunca se arrependam bons amigos de colahorar para uma Conferência de S. Vicente de Paulo, porque, e principalmente nas nossas casas, é quase indispensável, para um rapaz que queira andar no caminho do bem. Que força dá a caridade praticada com os nossos irmãos pobres, a um jovem!

Quantas vezes nós Gaiatos esquecemos que vivemos à custa de muito sacrifício dos nossos benfeitores, e nos formamos para a vida do amanhã!

Há tempos li e reli no livro «Barredo» em que Pai Américo falando de uma das nossas conferências dizia: «Enquanto os rapazes da Obra da Rua se interessarem real e eficazmente pela sorte dos pobres, ninguém tenha medo das suas quedas! Deus levanta-os». E é verdade bons amigos.

Quantas vezes nos revezes da nossa vida os Pobres nos fazem ver que vamos errados.

Quantas vezes insatisfeitos com o bem estar que temos nas nossas casas e loucamente «refilamos por tudo e por nada», esbarramos com casos como este que se passou entre um dos confrades e uma velhinha da rua Fonte Taurina à qual pagamos o aluguer.

— O que vai fazer senhora Maria?
— Ó senhor! Vou fritar esta batata. Achei aí na rua, e vou fazer a minha ceia.

O confrade viu-a fritar, e viu-a comer e também a viu dar graças a Deus por ter encontrado aquela batata que naquele momento lhe veio enganar a fome.

Amigos leitores vêem o bem que fazem com as vossas pequenas ou grandes ofertas que nos enviam? Este é um dos muitos factos que parecem não ter grande importância, mas para um rapaz da nossa Obra é de grande monta.

Não é muito dinheiro que queremos, interessa-nos sim, o suficiente para podermos dar uma alegria e livrarmos duma aflicção um Pobre. E dando-lhes certas alegrias e livrando-os de certas aflições, também nós vicentinos nos corrigimos e emendamos. Pena é, que nem todos, principalmente nós Gaiatos mais velhos não sejamos vicentinos, porque se muitos o fossem dariam, com certeza, um grande passo no caminho da perfeição.

Fernando Dias

Em continuação dos números anteriores, aí vai mais uma série de placas com sua localização:

Maria da Glória — Bombarral; Maria Luisa — Beringel; Maria Luisa o Fernando — Ramalde (Porto); Maria da Nazaré — Reguengos de Monsaraz; Maria das Neves — Cantanhede; Marias — Carvalhido (Porto); Mário e Laura — Bombarral; Mário de Mendonça — Gondarém; Menino Jesus — Ribeirão (Famalicão); Meu Carlos — Bombarral; Meus Pais — Braga; Micaúne — Bitarães (Paredes); Minerva de Lourenço Marques — Eixo; Minha Mãe — Beringel; Missão da Manga — Rans (Penafiel); Moagem e Panificação do Norte — Aguas Santas (Ermezinde); Mocidade Portuguesa — Carrizado Montenegro; Monte dos Burgos — Carvalhido (Porto); Dr. Moreira de Sousa — Melres (Gondomar); Mulheres Portuguesas de Bumba, Congo Beiga — Cavadas (Paço de Sousa); Município da Beira — Miragaia (Porto); Município de Gaza — Miragaia (Porto); Nampula — Cabeça Santa (S. Miguel de Paredes); Navegantes da T. A. P. — Fajozes; Negociantes e Importadores de Cabedais, Couros e Peles, do Porto — Gueifães (Maia); Netos da Avó — Aviz; Ninguém —

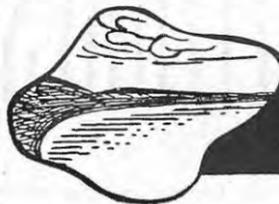
PATRIMONIO DOS POBRES



Aviz; Nossa Senhora Auxiliadora — Gulpilhares; Nossa Senhora da Candelária — Portelo de Cambres; Nossa Senhora da Conceição — Setubal; Nossa Senhora das Dores — Medrões (Vila Real); Nossa Senhora das Dores — Esposende; Nossa Senhora da Espectação — Azurara (Vila do Conde); Nossa Senhora da Esperança — Carvalhido (Porto); Nossa Senhora de Fátima — Calheta (Madeira); Nossa Senhora de Fátima — Miragaia (Porto); Nossa Senhora das Graças — Lousã; Nossa Senhora Maria Auxiliadora — Parede; Nossa Senhora do Rosário — Beringel; Nossa Senhora do Sameiro — Ribeirão (Famalicão); Nossa Senhora do Terço e Caridade — Rio de Moinhos (Penafiel); Oficiais, Sargentos e Praças do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2 — Adémia (Coimbra); Olenka dos Santos — Armamar; Olga-Lena — Aviz; Operários das Oficinas Gerais dos Caminhos

de Ferro da Beira — Reguengos de Monsaraz; Operários da Fábrica de Tabacos «A Portuense» — Cucujães; Orfão de Besteiros — Miragaia (Porto); Ouvi-me Senhor — Calvário (Beira); Padre Albino — Toutosa (Livrão); Padre Américo — Beringel; Padre Américo — Medelim (Portalegre); Padre Américo, do Casal J. R. E. — S. Pedro da Raimonda; Padre Américo — Castelo de Vide; Padre Américo — Covilhã; Padre Antonio Coutinho — Ramalde (Porto); Padre Cruz — Portelo de Cambres; Padres da Rua Febres; Pai Américo — S. Pedro (Funchal); Pai Américo — Alijó; Pai Américo — Vialonga e Viseu; Paulina — Elvas; Pelo meu sofrimento — Calvário (Beira); Pessoal e Administradores da União Eléctrica, do Porto — Canelas (Arouca); Pessoal do Batalhão da Guarda Fiscal do Porto

CONT. NA 3.ª PAGINA



SETUBAL

Delfim Augusto veio do Barreiro! Sem pai, o seu gosto era fugir da barraca e andar aos quinze e vinte dias na pilhagem e na pedincha, dormir nos vãos de escada e encostado aos barcos. O olhar triste e vivo dá aos seus onze anos um aspecto curioso e atraente, e a quem o conhecer mais de perto, o sintoma da sua doença psicológica. É bom. Duma generosidade sem limites; dedicado em extremo, mas com graves feridas na alma, cavadas pelo abandono a que foi votado.

Há tempos adoeci. Flora, (é o seu apelido), foi dos mais assíduos a visitar-me. Não houve dia que não viesse estar comigo três ou quatro vezes até eu mandar embora. Certa manhã, logo após o toque da sineta, às 7 horas, era ainda lusco-fusco, batem à porta do quarto e pedem licença. Estremeci com medo duma má notícia, pelo desusado da hora, e mandei entrar. Era o Flora. Em linguagem entarame-lada ouço o vibrar amigo da sua sensibilidade: «Senhor fulano, com'ê que passou a noite?»

Dei por bem empregado o incómodo sofrido. Soube-me tão bem começar o dia com uma prova assim!

Passados dias houve aqui em

Casa grande reboição. Flora furta a carteira do casaco pendurada dum operário, observa o dinheiro que continha, guarda cinquenta escudos e vai perder num sítio cem escudos e noutro a carteira. Feita a primeira operação passou à segunda: — Desafiou o Armindo para «irem achar pregos» para as obras novas e guiou-o para os lugares previstos. Armindo achou logo a nota de cem que me veio entregar e depois a carteira a que fez o mesmo.

Grande barulho entre os pedreiros e culpou-se um dos operários (porque ninguém fôra visto entrar no apartamento senão ele).

Flora passa à terceira parte: Entra no quarto das senhoras em ocasião premeditada, abre uma gaveta, de dentro tira uma mala e da mala uma carteira onde mete a nota levando umas moedas.

Ia-se movimentando a policia e o tribunal. Foram dias de sobressalto até ser dado o primeiro sinal de pista que foi curta. Flora apareceu com dinheiro.

— Foste tu?
— Sim Senhor!...
Eu gosto muito mais do Flora depois de tudo isto. Eu saboreio

doutra maneira aquele «com'ê que passou a noite?» Eu tenho penetrado mais profundamente no segredo revelado por aquele olhar vivo e triste.

Castiguei-o. Bati-lhe. Fez-lhe muito bem, mas ele não merecia. Foi um castigo injusto embora salutar. Custou-me tanto o seu sofrer!... Mais ainda por ele ser injusto, embora no seu próprio entender tivesse carácter de justiça.

Eu sei quem merecia ser castigado. Tu, mais eu e todos nós. Nós, sim, que toleramos a barraca, os filhos de pai incógnito, os desamparados, as buscas nos caixotes do lixo, as melenas nojentas e toda essa multidão que poderia ser um valor humano e amanhã será um peso social a sofrer as paredes frias duma prisão. Sim, nós é que merecíamos aqueles açoites!

Encontrei-a hoje à porta duma Igreja. Estava lá dentro, mas o filho, de braços, começou a chorar, e teve de sair. Esperava-me.

— O Senhor é que é da Casa do Gaiato?

— Sim, Senhora.
— Eu preciso muito de lhe falar.

Eu percebi tudo. Já estamos habituados. Quer duas horas minhas para desabafar.

— «Eu preciso muito de lhe contar a minha vida. Tenho uns poucos de filhos e nunca tive homem, mas eu não quero mais homens!».

Lábios pintados e uma única peça sobre o corpo!...

Um rancho de filhos!... Nunca teve homem!... Não quer mais homens!...

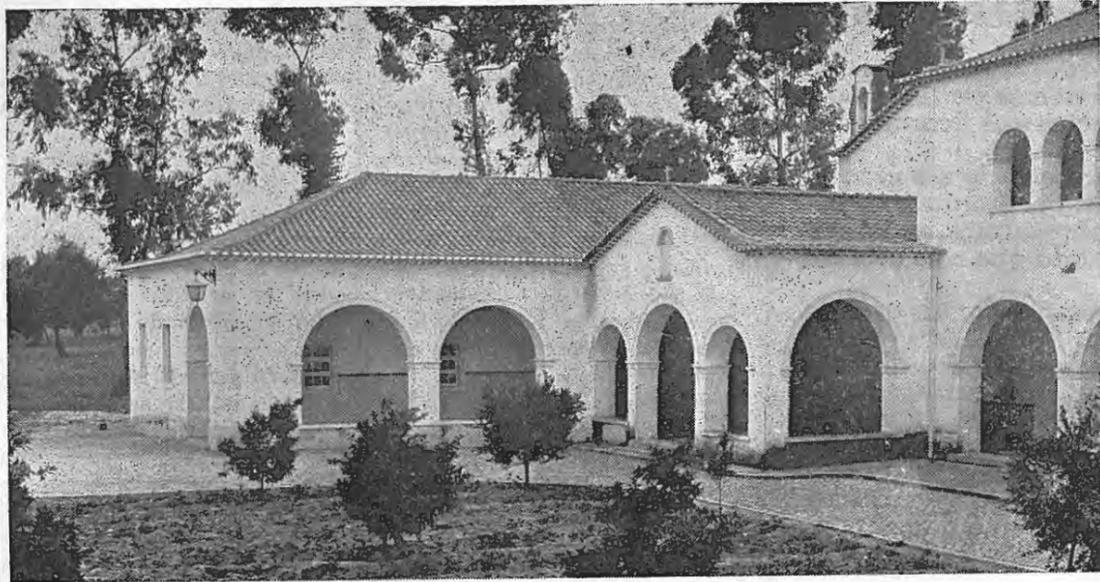
Amanhã vou ouvir.

Os filhos dela são como o Flora. Habituados a tudo. Capazes de tudo. Também capazes do bem.

Almas perdidas, mas almas grandes.

«Com'ê que passou a noite?»...

Padre Acílio



Esta fotografia completa a outra que aí vai. Adro da Capela e Escolas

da nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS: Tenho para aqui na minha frente um monte tão grande de presenças que vou ver se consigo reduzir à expressão mais simples. É que há muito tempo já que não acusamos recepção da generosidade de todos os nossos Amigos.

Assinante 17.022 com o costume — 40\$00. Num envelope, 20\$00 de M. C., de algures. *Duma humilde mãe e avó,*

metade. Mais 300\$ do assinante 12791, de Lisboa. E mais de Barcelos, 30\$. Espinho, 50\$. Beira, Africa Portuguesa, o mesmo. Eu gosto imenso destas presenças donde se vê que lá e cá somos um bloco. Um salto ao Minho e temos Monção com 100\$. E um grande amigo do Porto com 500\$. E mais 20\$ do Barreiro. E 100\$ da Covilhã. E 20\$ de Amarante. E o mesmo de Alhandra. E outro tanto de Lisboa. Idem da Senhora da Hora. *Alice Pequena* cá vai com os 50\$ habituais. É uma Operária. O valor! Assinante 4343 manda 100\$ de Janeiro e Fevereiro. Macedo do Peso 50\$ em cumprimento de uma promessa. Casal assinante 28.562, 20\$. E mais 25\$ de Torres Vedras. E 100\$00 do assinante 5398, do Porto. E metade de Figueira de Castelo Rodrigo. O mesmo das Caldas da Rainha. E 20\$ de Agualva-Cacém. E outra vez 50\$ de algures. E mais 20\$ da Figueira da Foz. E metade da assinante 12751. Mais 20\$ de Rio de Moinhos (Ribatejo). E o dobro da assinante 17.022, que nunca falta! E ainda mais 20 de Euclídia. Horta (Açores), 120\$ do assinante 19205. Maceira de Cambra 50\$00. E, finalmente gotas e mais gotas da assinante 2164 que também nunca falta!

Júlio Mendes

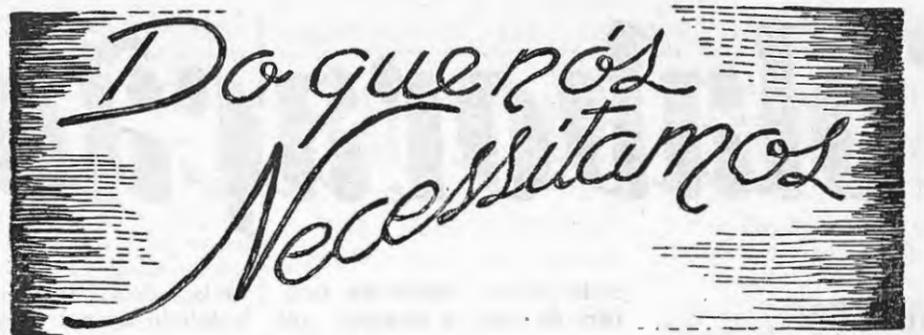
Património dos Pobres

Continuação da segunda página

— *Miragaia (Porto)*; Pessoal do Caminho de Ferro da Beira — *Covilhã*; Pessoal dos C. T. T. de Coimbra — *Adémia (Coimbra)*; Pessoal dos C. T. T. da Estação Central dos Correios do Porto — *Leça da Palmeira*; Pessoal dos C. T. T. da Província de Moçambique — *Alminhas (Galegos)* e *Cadeade (Paço de Sousa)*; Pessoal do Caminho de Ferro da Beira — *Esmegilde (Paço de Sousa)* e *Covilhã*; Pessoal do Circulo de Saude de Manica e Sofala — *Cadeade (Paço de Sousa)*; Pessoal da Companhia Portuguesa de Celulose — *Cacia*; Pessoal da Companhia Portuguesa Radio Marconi — *Curral das Freiras (Madeira)*; Pessoal da Companhia de Seguros Tranquilidade — *Carvalho (Porto)*; Pessoal da Companhia dos Telefones do Porto — *Recarei*; Pessoal da E. C. C. dos C. T. T. do Porto — *Fontelas (Régua)*.

CONTINUA

Colabore na
CAMPANHA DE
ASSINATURAS



«Faz tanto frio que mal o suporte: Com bom quarto, boa cama e muita manta. Lembrome daqueles que não têm nada e sinto mais frio. Para me aquecer envio 400\$00 para cobertos que serão distribuídos por quem menos tiver». Não sei quem escreveu nem mandou estas linhas. Foi alguém dentre vós.

Se o homem quer paz não deve seguir outro caminho. Somos irmãos. Foi o Sangue de Cristo que nos fez irmãos, membros da mesma família de Deus, filhos do mesmo Pai. Se há irmãos que sofrem os outros terão de sofrer também. Ora há milhões de homens no mundo que morrem de frio e de fome. Não podemos, jamais, ficar insensíveis sob pena de trairmos os laços familiares que nos unem a todos os homens. Comete grave pecado de omissão quem quer que deixe de lutar, no seu plano por um mundo mais justo.

Quando todos os dias te sentas à mesa farta, onde nada falta, lembra-te dos milhares de irmãos teus que não têm o necessário e vão morrendo em cada hora que passa. Quando, à noite, te deitas «em boa cama, bom quarto com muitas mantas», lembra-te daqueles, que nada têm. A tentação da fome é terrível. É capaz de levar o homem à revolta declarada e intencional contra Deus como se Deus fosse culpado dos crimes dos homens. Não é verdade que todos os bens terrenos foram postos à disposição da humanidade para que todos e cada um auferissem deles o necessário à vida? Porquê um desnível tão grande? Porquê uma carta geográfica da fome tão extensa? Por culpa dos homens. A tentação da fome leva o homem à destruição do próprio homem. Repetimos o que dissemos acima: comete grave falta de omissão quem quer que no seu plano, deixe de lutar por um mundo mais justo.

Deus, no íntimo das consciências, em segredo, vai realizando a sua Obra de Amor, manifestando aos homens o único caminho capaz de os conduzir à paz verdadeira por que tanto anseiam. É o caminho da Caridade que nos faz descobrir em cada um dos nossos semelhantes um irmão nosso de quem temos que prestar contas.

x x x

Começa o desfile. Braga aparece com 300\$00 «pedindo uma oração pela felicidade de um novo lar que amanhã se vai formar». Porto Alexandre, na nossa Africa, vem com 100\$ e uma pecadora da Mealhada com metade. Lisboa abre-nos as portas e pede-nos que vamos buscar camisolas de lã. «Uma triste portuense» — não podemos concordar com o nome — dá com alegria o seu óbulo.

A «avózinha, de Salzedas em ação de graças pelas melhoras de um netinho muito querido» vem com quinhentos. Lisboa volta, queixando-se do atraso e dá 100 para «a que só dá pão ao filho quando barrega». Porto, Espinho, S. Vicente de Cabo Verde, Leiria, Carrizado de Montenegro, outras tantas presenças.

Passam, agora, os operários de uma Companhia Inglesa de Seguros, no Porto, e alguém que encontrou uma quantia que não sabe a quem pertence. Vem a Avó de Moscovide com a sua presença tão simpática. Não esquecemos o que nos pediu. A Manuela e a Manucha, da Beira, trazem-nos a sua inocência.

Meditemos na simplicidade deste cartão: «Por alma daquela que eu tanto amei para a Obra que ela tanto amava». Que verdade neste Amor!

Em «O Comércio do Porto» 750\$00. Mais um «achado» do que não apareceu o legítimo dono. De Portimão 20\$; do Presépio da R. Faria Guimarães, 3

vezes mais. A C. A. D. A. entrega-nos uma lembrança, uma sacco de café de 60 quilos.

Mais uma presença que não podemos deixar de assinalar: são os mealheiros da Fábrica de Tabacos «A Portuense» com 2.240\$00.

Camisolas que são um encanto da *Segon*; calçado para arranjar nas nossas oficinas de sapataria. Mais camisolas que são um amor. Os nossos rapazes mais velhos morrem de inveja porque dizem: — Os senhores só mandam para os pequenos... E eles ficam a «colhar».

É a vez de uma Mãe, licenciada em Farmácia, acompanhada de quatro filhos pequeninos, a agradecer o que tem recebido. Duas presenças dos Empregados da Mobil. «Os 20 Estrelas de S. Lázaro», comemorando o 10.º aniversário da sua fundação não esqueceram os Pobres e mandaram 524\$00. No Espelho da Moda, 200\$ mais 32\$00.

Continua na sexta página

Cartinho DOS RAPAZES

Passou pelas minhas mãos, há dias, carta de alguém que dizia assim: «Embora o ano que findou fosse tormentoso, Deus Nosso Senhor sempre me estendeu a mão quando estava prestes a cair».

Pelo contexto, parece-me que a signatária anónima se refere a dificuldades materiais (A carta acompanhava quinhentos escudos para o Património!). A afirmação porém, vale inteira se as provações fôrem de natureza espiritual.

É o mistério da Graça. É o fim-feliz, inesperado e inexplicável, de muitas tempestades quando Jesus vai na barca.

Tentações?... nem Jesus se quis dispensar delas!

Nós não podemos ser isentos delas. De resto o herói revela-se no campo de batalha. S. Paulo, «três vezes» pediu ao Senhor que o libertasse de uma (não sabemos qual): «um anjo de Satanás que o esbafeteava». E o Senhor respondeu-lhe que não: «Basta-te a minha graça; que a virtude fortalece-se na luta».

Portanto:

Ou Jesus vai na barca (isto é, mora em nós pela Graça) e a barca pode meter água mas não se afundará (inesperada, inexplicavelmente!...);

O Jesus não vai na barca (nós já não O possuíamos pela Graça) e então a barca ficará entregue a si mesma, abandonada à luta entre a imensa fraqueza sua e aimensidão do mar... O fim será o que se espera, o que se explica: naufrágio.

Qual dos que temos o costume de convidar o Mestre para timoneiro (nem que O deixemos adormecer durante a viagem...) — qual de nós não pode dizer da sua experiência (como os Discípulos naquele tempo...) que «Nosso Senhor sempre me estendeu a mão quando estava prestes a cair»?!

Talvez que a nossa voz embargada pela tentação não chegue a gritar o «salvai-nos Senhor, senão perecemos»... Mas dentro de nós, o hábito da virtude, que a Graça nos dá, murmurará suficientemente claro aos ouvidos d'Ele — que parece, mas não está adormecido — a prece de salvação. E Ele, erguendo-Se suavemente, estende-nos a mão, aplaca a tormenta, restabece a Paz.

Aqueles que duvidem da necessidade de ter Jesus consigo, habitualmente, eu entrego a confidência amarga de um de vós: «Chego a pensar que nunca mais me emendarei, que acabarei por cair definitivamente nesta tão triste vida, em que uma pessoa se sente mal só depois de ter feito o mal».

CICERONES

«De há muito que sou um rendido admirador dessa obra genial, de amor e Caridade, que se deve ao génio do saudoso Padre Américo. Porém, só agora, em Setembro findo, me foi dado visitar a vossa aldeia, aí em Paço de Sousa, e então pude conhecer, «de visu», o que há já anos conhecia pela leitura de «O Gaiato» ou por informações de pessoas que já conheciam a Obra.

Quando da minha visita tive como cicero um dos vossos rapazes, um da Tipografia, o qual, pela sua compostura e distinção de trato me deixou uma impressão tão forte que jamais esquecerei. Conheço muitos rapazes, filhos de família, com vários anos de liceu, que seriam incapazes de se desempenhar com igual seriedade de maneiras e tamanha distinção de trato».

Chegou há tempo esta carta, à qual eu quero acrescentar uma palavra devida à Verdade. Por ela os senhores poderiam julgar que os cicrones andam em maré alta. Pois não senhor, está uma instituição em decadência: Deserções da «ponte de comando» por causa da bola; delas por môr do relato; falta de iniciativa no abordar dos visitantes; pouca vida no mostrar e explicar...

O caso da presente carta, trata-se portanto de uma feliz excepção.

Não vão, pois, os cicrones tomar para si o elogio. Antes, por meio dele, se estimulem a ser mais atenciosos e delicados para os Senhores que nos visitam e para a Casa que lhes cumpre tornar mais conhecida e mais estimada.

Colaboração

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

Sabe que tivemos aqui um projecto interessantíssimo? Eu já andava há muito a pensar. Agora, alguém chegou-me o fósforo... Há aqui umas sete barracas, com problemas sérios, além do frio e da fome. Para que a solução fosse mais humana, mais fraterna, iríamos nós, com nossas mãos, levantar as casas e com as nossas bocas mendigar o dinheiro. Mas quê!... Esbarramos primeiro com burocracias, depois com urbanizações... Foram olhos de amigo nosso, que por sinal foi o primeiro a apitar, que contemplaram o «dossier» com fotografias, e os seus ouvidos está entrecutaram: «o plano está entregue aos Serviços de Urbanização».

Senhor, aumenta-nos a Fé.

Tenho sentido profundamente a falta do «Gaiato», o qual não é conhecido aqui no Seminário (Luanda). E há necessidade de que o seja; não só ele como sobretudo o nosso Pai Américo, estrela que brilha com o mesmo fulgor em cada «lar» e luz que aquece cada coração dos gaiatos.

Nesta África que o receberam de braços abertos e que lhe abriu generosamente as suas bolsas a ponto de ele dizer: «basta», é necessário que a sua obra encontre eco em cada coração de quantos vivem o ideal sacerdotal e que no dia de amanhã possam vir a ser nesta Angola bem portuguesa os arautos dessa mensagem de caridade e desprendimento.

Caros Gaiatos; quem olha para vós já não vos considera escória da sociedade, vidas sem sentido, mas antes um escol na sociedade de amanhã, homens de princípios rectos e de convicções sólidas, bons pais de família, bons ministros de Cristo; tudo de vós pode esperar a sociedade.

Oxalá se não apague em mim a luz que a Obra de Pai Américo acendeu no meu íntimo quando a conheci.

Confesso que não sei a quantas ando no capítulo de débitos ao Vosso Jornal.

Agora, caíram-me nas mãos 50\$00 por umas certidões que me pediram de Lisboa. Destino-os logo ao nosso «Gaiato», porque, verdade seja, a consciência andava a roer-me aos poucos.

Creia, caro colega, que não é de desinteresse a minha atitude passada. Sou pobre e trabalharei para ser cada vez

mais pobre. Dedico-me também de alma e coração, vai para quinze anos nesta frágua, a obras de educação e regeneração da juventude. Fundei um Colégio Missionário, com características paroquiais, e tudo o que aparece é pouco para tapar as «faltas» que obrigatoriamente se devem fazer para que o Estado reconheça a legalidade necessária ao nosso trabalho.

Recomendo as orações dos vossos rapazes, fazendo votos por que passem um Natal alegre e que o Ano Novo vos traga abundantes graças de Deus.

Eu conhecia a Obra da Rua pelo jornal e pouco mais. O meu colega, sim, tinha já contactado um pouco com a vida dos rapazes e dissera-me muitas coisas. Um tristececeram-me, outras alegraram-me, outras despertaram em entusiasmo... E partimos para Setúbal.

«O Gaiato faz-nos muito bem, mesmo muito bem — repetia-me na viagem — saímos de lá melhores». Eu sempre lhe respondi afirmativamente mas estava longe de compreender.

Como nós somos pequenos! Como Deus é grande! Como eu sou mínimo! Se tivesse um coração grande, havia de dizer tudo, tudo. Havia de falar da Capela do Gaiato. O que eu não tinha para dizer! Havia de contar das confidências que ali se fazem com o Mestre, de joelhos nos degraus de pedra, pertinho do sacário, muito pertinho, e do que Ele nos dizia. O que representa a Capela na Casa do Gaiato!...

Querida dizer que os rapazes não são como os fantasmas. Não. Eles são outros, muito outros. Santos de 14 anos... eu vi-os graças a Deus. Estes precisam muito de mim e de ti para que Cristo os conserve puros, alegres, íntegros de corpos e alma, abertos, generosos. O meu colega já mo tinha dito. Agora também o posso dizer porque estive no meio deles. Fiz-me gaiato no meio dos gaiatos. Só assim nos podemos compreender. E ensinaram-me tanta coisa! Ensinaram-me a amar a pobreza a ponto de acreditar que eles eram ricos. Sim e é verdade. Eles são ricos. Têm tudo. E deram-me muito!

Ensinaram-me a obediência, o carácter, o amor... Eu vi tudo isto concretizado nos rapazes de Setúbal e por isso amei-os. E amo-os porque eles também têm defeitos. Pois têm e precisam de mim para os corrigirem. E por vezes esses defeitos são grandes, muito grandes!

Nós queremos agradecer aos rapazes de Setúbal tudo quanto nos deram. Eles esperavam de nós, mas fomos encontrados vazios e então encheram-nos a alma! Obrigado!

Dais tudo em troca de pouco, exigindo apenas amor. Vós viveis de Amor. Mas eu queria mais, muito mais. Queria pagar-vos com amor muito grande. O meu colega também. Queria dar-me todo, de corpo e alma! Se Deus também quisesse!...

Sei que o meu querido amigo me queria dizer «obrigado». Não blässimeste, por favor. Obrigadíssimo estou eu, estamos todos, e do mais íntimo do nosso coração pela fogueira que veio acender em nós por esta cidade. Parece-me que aqui, conseguiu a sua admirável finalidade: — produzir desordem nas almas. Aquela santa desordem, fruto do amor e compreensão pelo próximo pobre, pela pobreza em si mesma.

Vou fazer aqui uma propaganda «endiabrada» de assinatura do seu e nosso jornal. Vou encarregar-me eu mesmo de o meter nas mãos de todos. Nada mais poderei fazer. Assim, já contribuirei um nadinha pela obra.

MAIS INQUIETAÇÃO

Nem só os sacerdotes! Graças a Deus, são numerosos os homens que sentem o peso da omissão. Não lhes basta a alma vazia de mal! Ela não foi feita para o vácuo, mas para ser imagem perfeita do Modelo segundo o Qual foi feita. E Esse é Plenitude, é Infinito. Por isso se inquietam enquanto não se enchem dEle.

Escrevo-lhe sem o conhecer, para lhe enviar algo para as obras do Padre Américo. Sou leitor e assinante do «Gaiato» e como vivo bem e desajogado, embora só viva do meu trabalho, sinto, ao ler as colunas do «Gaiato», remorsos.

Falta-me a coragem para ser mais activo e esta é uma maneira de tentar remediar a minha situação superior à média.

Esta dívida não constitui o que se pode chamar sacrifício, embora me prive de algumas coisas.

Para terminar dois favores: a) que peça a Deus que nos conceda o supremo favor de termos filhos.

b) que esta carta não seja mencionada, nem a importância, no Gaiato ou qualquer outro sítio.

Cordiais cumprimentos e os votos de que Deus o ajude.

Como compreende, não assino.

Nota da Redacção:

Desculpará que não cumpra a alínea b), mas nem eu sei quem é, nem ninguém ficará sabendo.

Fala o Brasil — S. Paulo. É «sangue português».

Mais um Natal foi festejado em toda a terra, e o Advento que deveria ser para todos, um período de dias muito alegres, dias sem preocupações, não o foi, infelizmente, porque nós os filhos de um Deus, infinitamente bom, justo e Pai amigo, esquecemo-nos dEle, ou melhor, afastamo-Lo para bem longe, com os nossos pecados, com as nossas vaidades, egoísmos...

Também eu me portei mal até há uns dois anos, quando Deus me chamou pela dor. Tenho padecido um pouco, muito, ao mesmo tempo que aprendi coisas relativas à vida de Jesus que nunca pensei vir a conhecer. Preciso de muita coragem, muita fé, confiança para receber a graça cuja falta tanto me tortura.

De há muito que sinto uma vontade enorme de fazer o bem, de auxiliar essas crianças desamparadas. Até ao momento nunca pude mandar coisa que se visse, mas de agora em diante parece que Deus me deu um futuro promissor, pelo menos no tocante à parte monetária.

Desculpe-me tanto palavriado e que esta minha pequenina acção seja muito agradável a Deus. Eu preciso de amáveis, muito mais a Sua Vontade para assim ter a paz que tanto me tem faltado.

E já agora não saímos de São Paulo do Brasil.

Que Deus o tenha sob o Seu olhar.

Há muito recebo «O Gaiato». E só paguei uma vez quando iniciei, através de uma boa colega de São Paulo cujo nome perdi. Isso me incomoda muito. Desejo pagar, porque devo e, mais ainda, porque pagando ajuda. Gosto de ajudar. Tenho sangue português nas veias. De Portugal era meu pai já falecido. Foi-se quando eu tinha cinco meses. Hoje tenho meio século mais 2 o que significa que o instrumento pode sentir melhor e melhor vibrar no grande concerto.

Aí não vai nenhuma vaidade. Sômente alegria infantil, humildade reconhecendo a insignificância da minha «flauta», gratidão e emoção por tudo. Meu pai era de Bobadela de Monforte, Traz-os-Montes, Correio de Chaves. Há muito não sei dos dele que são meus. Trago tudo no coração, porém. E ele dá um calor especial à simpatia, à satisfação, ao orgulho bom que sinto, pela Obra do Pai Américo e dos seus continuadores. Meu fraco são essas coisas e rabisar um pouco. Daí o gosto com que leio «O Gaiato», onde sempre aprendo a lidar com eles. E vou lembrando a outros.

Por caridade; uma oraçãozinha pelo meu lar, pelo de minha filha, por uma «belenita» que também tenho aqui e por alma de meu pai.

Voltamos a Portugal. Anseios de vida melhor, fervem em tantos corações:

Estou desejando poder começar a aumentar o repartir pelos outros aquilo que Deus me deu. Mas nós somos «terrivelmente carne», e apegamo-nos extraordinariamente aos cálculos dos homens, à lógica, e à previsão do futuro.

Também eu sou uma assinante, uma leitora que medita através do Gaiato e uma inquietada, porque cristã.

A minha carta só tem um objectivo: pedir que os Padres da Rua visitem a miséria que a mata florestal da Trafaria alberga.

Eu vi e não conheço igual. Há que fazer tudo pela salvação de tantas almas enterradas na areia.

Vou passar a mandar o meu Gaiato, depois de lido, para a Trafaria, pois parece-me que lá descerem o jornal.

Peço a V. Reverência uma oração para que eu seja fiel à Vontade do Senhor

Faço votos, para que o *Famoso* neste ano de 1961, continue a ser fonte de inquietação e Luz para todos os que o leiam.

A presença de Pai

Américo não se estingue

A alma dos santos, depois que morrem, está mais presente do que enquanto vivem. Até penso em quantos pecados se não evitarão só porque a presença dum santo como foi o Padre Américo nos faz mais fortes para o não desgostarmos. Aí vão os 50\$00 para pagamento da minha avança e só desejaría poder dar mais algum. Infelizmente, tenho 4 filhos e nunca, no fim do mês, o dinheiro do emprego e aquele que consigo ganhar em trabalhos extraordinários chega para as despesas que julgo essenciais. Não falte, porém, o pão nosso de cada dia.

Nunca o conheci, nunca lhe falei, no entanto na sua morte, senti profundamente quanto o amava na pessoa de Jesus Cristo, que tão bem soube encarnar. Oh! Para amar o Pai Américo não era preciso conhecê-lo. Bastava olhar para a sua vida e agora, para o exemplo que nos deixou.

O Pai Américo foi-o de todos nós; deixou-nos sentidas saudades, um vazio no coração, mas cheios de Amor, de Caridade pelo próximo, enfim, ricos em tesouros ocultos.

Tendes «dedo» especial para descobrir onde a necessidade é maior.

Assim têm nascido as várias obras da Obra da Rua.

E «O Gaiato» é o instrumento apropriado para aos dar a conhecer.

Continua na página oito

dos Leitores



Africa

Aquele domingo, depois da Missa e do almoço na «Boa-Entrada», fizemos rumo à Cela. Foi a terceira viagem de carro pelo interior. Os primeiros quilómetros francamente maus. Mas, logo que em Quibala atingimos a estrada de Nova Lisboa (já nossa conhecida de Luanda ao Dondo), mudámos de opinião. Quando completamente pronto o seu traçado e toda ela asfaltada, será uma bela via a aproximar as duas primeiras cidades de Angola e delas, os centros de actividade de permeio. Destes, o Colonato da Cela é dos mais importantes. Ocupado já por mais de cinco centenas de famílias, distribuídas por quinze aldeamentos, está muito longe, ainda, da saturação.

Cada povoado compõe-se de cerca de 30 casas de família, um armazém geral, um posto de socorros e uma escola, que funciona também de Capela, com moradia para o professor.

Na pequena propriedade são distribuídos cerca de 5 hectares de regadio e 15 de sequeiro a cada família. A média propriedade, concedida a lavradores mais evoluídos e com maior capacidade de administração, varia entre os 60 e os 120 hectares.

Os colonos encontram casa, alfaias, bois e sementes. Irão amortizando ao longo de 20 anos (ou menos, se quiserem e puderem) aquele investimento.

Quase todos os produtos metropolitanos ali se dão. Milho, em certas zonas, há possibilidade de o cultivar duas vezes por ano. Frateiras, há das europeias mais as tropicais.

Contudo, a tendência é a industrialização da agricultura. Tem-se procurado desenvolver a pecuária e nós mesmos visitámos uma fábrica de lacticínios, novinha em folha, ocupada na altura em ensaios prévios à inauguração.

Trabalha-se na criação de gado para carne. Experimenta-se a cultura do café e do tabaco. E uma nova fibra, o «Knaft», tem mercado certo em Luanda e grande procura internacional.

Equidistante (cerca de 150 quilómetros) de dois Caminhos de Ferro (do Amboim em Gabela, e de Benguela em Nova

Lisboa), os produtos da Cela têm escoante para o mar, em Porto Amboim e Lobito. Luanda fica a cerca de 400 quilómetros e torna-se acessível pelo ar, por carreiras quase todos os dias.

O clima é muito bom. A altitude média de 1.300 metros, aquela vasta planura onde são os quinze aldeamentos e onde podem ser muitos mais, encontra-se cercada por montanhas. É um lugar bonito, aprazível. Aproveitaram-se lugares pitorescos destas encostas e aí temos cruzeiros e miradouros com a sua capelinha ao modo dos que encontramos por cá.

A sede é Vila de Santa Comba Dão — uma vila-jardim, muito bem urbanizada, com belos edifícios públicos e mais em construção. Alguns prédios particulares cheiravam a tintas; outros estavam subindo. Tem uma linda Pousada, onde ficamos as duas noites da nossa permanência. Ali, como no Hotel Globo em Luanda, quando fomos pela conta... não havia conta. Mais um título de simpatia a qualificar a nossa recordação da «Estalagem do Monte». Há ainda um centro de recreio com um pequenino cinema, muito geitoso, onde improvisámos a sessão que ali não contava fazer. Pois foi caloroso o ambiente da pequena assembleia!

Deixo aqui estas lembranças descritivas, como quem faz a «composição de lugar» antes de reflectir nas lições que a experiência dos Colonatos nos ofereceu.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

MAIS E MAIS ASSINANTES!

VOZ DOS LEITORES:

Talvez movido pelo fogo ardente de um Militar, cuja carta publicámos na última edição escutemos um Soldado da G. N. R.—grande obreiro desta Campanha:

Esta tem por fim enviar o nome e morada de quatro novos assinantes, peço desculpa em só mandar estas quatro, mas só estes é que consentiram a assinatura do «Gaiato».

Pedia o favor para que seja enviado o mais depressa possível o jornal a estes novos assinantes, para estes conseguirem arranjar outros.

Não são realmente os grandes senhores que mais sentem «O Gaiato», não! Mas sobretudo quem vive com bastante dificuldade. E foi sempre assim desde o primeiro número do Famoso, melhor, do Glorioso como diz um assinante apaixonado por Jesus imolado no sofrimento imerecido dos Pobres.

E neste púlpito de Vida Cristã, onde o Evangelho é mola real, não podemos nem devemos omitir testemunhos de simplicidade e espiritualidade — a marca de «O Gaiato» — que enformam a grandeza das almas humildes. Por isso, aqui temos outra carta; é de Alcobaça:

Apesar da minha vida quase de todo apagada não quis deixar de trabalhar na vossa Campanha de Assinaturas e envio-vos os resultados que consegui com sincera mágoa de não poder enviar muitíssimo mais. As vossas Obras parecem-me reflectir vivamente o poder, a beleza, a graça de Deus de que o nosso mundo tanto precisa.

Que o Mestre Divino vos oriente e ampare e que todos possam reconhecer o Amor Perfeitíssimo do Nosso Pai do Céu.

E vamos terminar a Voz dos Leitores com o depoimento duma Servente de Escola. Os senhores leiam e meditem e revigorem seu entusiasmo:

Tenho um grande prazer em mandar mais estas acinaturas que já não fazia tenções de conseguir. Sou servente de escola e fui mandada para outra falei a todas as professoras e com pena de nem todas me dizer que sim algumas já são e outras aquelas desculpas que muita gente dá já tenho muita coisa e dizem que não ó que devia ser em primeiro lugar. Mas não desanimo sempre que me fôr possível arranjaré mais. Uma amiga dos Gaiatos.

Ó carta!

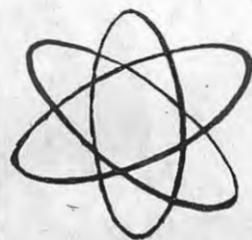
PORTO / LISBOA: As duas grandes urbes seguem, hoje, quase de mãos dadas! Desceram um nadinha em volume, mas não em qualidade. Prê-quê, demos a palavra a Lisboa e ouçamos Uma Mãe que crê em Deus:

Só agora me é possível enviar a relação de novos assinantes.

Não consegui mais que esses 3. Primeiro porque é reduzido o número de meus conhecimentos a quem pudesse recorrer; segundo, porque nos outros meus conhecimentos existe muito egoísmo! E nada feito.

Mas como muitos poucos fa-

Continua na sexta página



FACETAS DE UMA VIDA

S., ser um átomo perdido da matéria a quem o acaso assoprou a vida, e agora vegeta também ao acaso, sem princípio nem fim determinado, vivendo porque está assente que na grande profusão de coisas do universo há-de haver também um bicharoco tal qual nós somos, amando por interesse, vaidade ou egoísmo e muitas, muitas outras teorias vãs do conceito da vida, a que chegam, fundando mesmo os seus dogmas, os que rejeitam os dogmas da Igreja. Mais tarde volto ao assunto.

Seus filhos. Notei e compreendi o que diz à cerca da futura educação deles. V/ é um pouco exigente, mas isso só lhe faz bem. Não há pressa nenhuma em tomar desde já a peito esta delicada questão. Pelo que me toca, quem me dera que eles estejam na companhia do Pai o mais tempo possível, pois eu tenho para mim que esta educação é a que vai marcar pelos anos fora, na vida de um e de outro. Meter em casa professores... eu pensaria duas vezes antes de o fazer, mas tê-los aí em escolas mesmo

Continuação da primeira página

públicas e sempre debaixo dos seus dedos, seria o melhor passo a dar, até à idade própria. E justamente esse grande predicado que quer dar ao Alberto de ser um self made man e ao mesmo tempo achar-se bem ao pé dos seus parentes humildes, ele um grande no mundo futuro, este grande predicado, S., há-de ser você quem lho há-de insuflar na alma; primeiro pelo que já lhe deu na substância da gestação e segundo pelo que está dando agora, na educação. Não tenha pressa de entregar os filhos a gente estranha. Depois voltaremos a este assunto. Olhe lá; eles estão baptizados? Se não estão diga-me as suas razões porque os não manda batizar para eu as considerar e responder. Tem toda a liberdade de pensar e de dizer coisas.

Minha protegida: Deu-me uma esmola muito aceitável (vaim dar, pois o cheque não vinha dentro da carta) V. não é nada egoísta e é muito justificado o surpêrflu que usa na sua actual situação. Há que

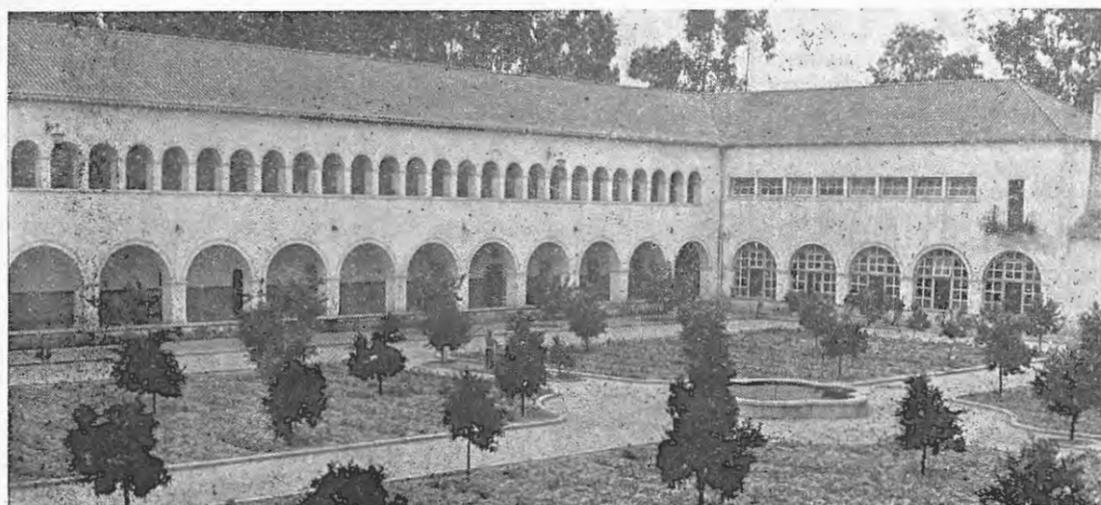
pôr as coisas no seu devido lugar.

Os homens que têm aí o hospital de alineados não são franciscanos; são religiosos de S. João de Deus. Era um pobre pastor de Montemor o Novo (1600), que mais tarde desceu ao sul de Espanha. Pedia esmolas pelas ruas para alguns pobrezitos que se recolheram à sua cabana e lançou as bases do sacerdócio mais simpático que eu conheço: aturar doidos, por amor de Deus. O neto mais velho da minha protegida (são 4), um que é encadernador, como se encontrasse sem trabalho, eu disse-lhe que mo mandasse que lhe daria livros para encadernar. Apareceu-me aqui de peito encolhido, transparente, a tossicar, eu disse à avó que o levasse ao médico. Esta levou-o e já me disse que ele mandara alimentar-se bem e muito descanso. Entende tudo, não é assim?! Também eu. E como tem aí o cheque para mandar, veja se hoje mesmo faz 4 letras ao Gerente do BNU e mande lá um contínuo dizer que está prestes a mandar a m/ e/ etc. etc. Eu bem sei que custa, S. Eu já lhe disse que o pedir é sempre uma humilhação, mas se a gente vai pensar no bem que faz á miséria dos nossos irmãos... Eu não tenho agora tempo de lhe dar o significado rigoroso de esta palavra irmão, dada assim a um homem que nunca vimos, mas hei-de dar-lho. É sublime. Saudades à minha comadre e pequenos. Vem cá este ano? Diga com antecipação.

Américo

P. S. — Não pense em publicar nada do que lhe mando.

VISADO PELA CENSURA



Aqui, Setúbal!

AUTO CONSTRUÇÃO

Já lá vão uns anos. Nem são muitos, nem são poucos. Alguns. Pensávamos muito, com frequência, uma modalidade de valorizar a gente nova do sexo masculino. Tendo já dez anos de sacerdócio, persuadiamo-nos de que era indispensável aliar o pensamento e a palavra à acção. Tínhamos lido o «Pão dos Pobres», os três volumes que comprámos. Também líamos «O Gaiato». Um dia resolvemos ir a Paço de Sousa falar em Auto-Construção ao Sr. P. e Américo. Estava na capela a meditar. Já no escritório, deixou-nos falar algum tempo sem dizer uma única palavra. Não demorámos muito. Aquele silêncio profundo, aquela imobilidade completa, aqueles olhos semicerrados, aquela fronte um bocadinho inclinada para o chão — assim nos ouviu — por certo tudo aquilo não convidava a uma longa exposição. Fomos muito breves. Quando acabámos de dizer o Senhor Padre Américo disse quatro frases muito separadas umas das outras: — É muito interessante; mas é muito difícil... Comece por pouquinho... Tome lá cinco contos.

x x x

Dissemos no último número que, nas circunstâncias actuais, por cinco contos que nos dêem

garantimos a construção de uma casa que ficará a valer quarenta. No grupo dos Auto-Construtores só serão admitidos rapazes ou homens, recentemente casados, pobres. Os pobres hão-de pagar a dívida que alegremente lhes entregamos, dando eles mais e mais trabalho, mais e mais economia. Cada vez estamos mais convencidos de que é esta a única maneira de os elevarmos. Apareceu a primeira oferta para uma casa. «Com a ajuda de Deus, conto poder dar a V. R.ª os 5.000\$00. Não quero nomes nem no jornal nem em placas. Basta que Deus veja».

Ora nós pedimos-lhe licença para deixar pôr uma pequenina placa com estes simples dizeres: **Auto-Construção. Padre Américo. 1961.** Certamente concordará. Além desta casa vieram mais umas telhas. De uma senhora Professora Primária 100\$00 do primeiro aumento do seu ordenado por ter passado a efectiva; Lisboa com quarenta; Viseu, Largo Major Monteiro Leite, vinte; Fornos de Algodres—Maceira com cinquenta. Tanto os quarenta como os vinte, como ainda os cinquenta eram acompanhados de cartas de muita fé e compreensão. Anadia—Avelãs de Cima, vinte. Proença-a-Nova 20 e a dizer: «O meu pouco junto a muitos poucos farão muito, esse muito que é preciso para a obra». É mesmo assim. De Alvarães — Minho, 20. De Malveira outro tanto. Nisa o mesmo e Vila Franca das Naves nem mais nem menos.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Do que nós necessitamos

Continuação da terceira página

Mais roupas: a Loja das Malhas encheu de alegria os nossos miúdos. Popeline e coisas bonitas de Guimarães. Seguem Tomar, Oliveira de Azemeis, Guimarães com um cheque de 309\$50; Nampula com 100\$ do Pessoal das Obras Públicas; outra vez Lisboa com o mesmo e o Porto idem. Uma Esposa e Mãe confia-nos a lembrança do marido e filho que deixou na costa de Moçambique e mandou 500\$ para os Pobres. Outro tanto da Avenida Duque de Avila, Lisboa. Passa Alcobaça com 50; o Porto com 20 de «um pecador» relativo ao mês de Fevereiro. Mais uma paragem: «De acordo com o meu «hei-de voltar» de há um ano e com o meu actual desejo aí vão 400\$00. É de um mecânico dos Telefones. E o desfile termina com chave de ouro. É um testemunho e ao mesmo tempo uma violência ao Céu: «Estou casada há 9 anos e aquilo que sempre mais desejei foi o que Deus nunca me deu — um Filho; por isso quero pedir-lhe o favor de à Mãe a quem forem entregues estas roupinhas que reze por mim a Deus para que eu também ainda venha a ter um filho como ela, pois essa é a maior felicidade de uma mulher e é única coisa de que sinto inveja». Ó beleza, que transparece destas palavras tão sinceras e da riqueza do enxoval que mandou para um bebé que nada tinha para se cobrir. Posso dar-lhe a notícia de que o enxoval já teve destino.

Recebemos a oferta de 500\$00 do assinante do Famoso J. A. C..

Padre Manuel António

CASAMENTOS

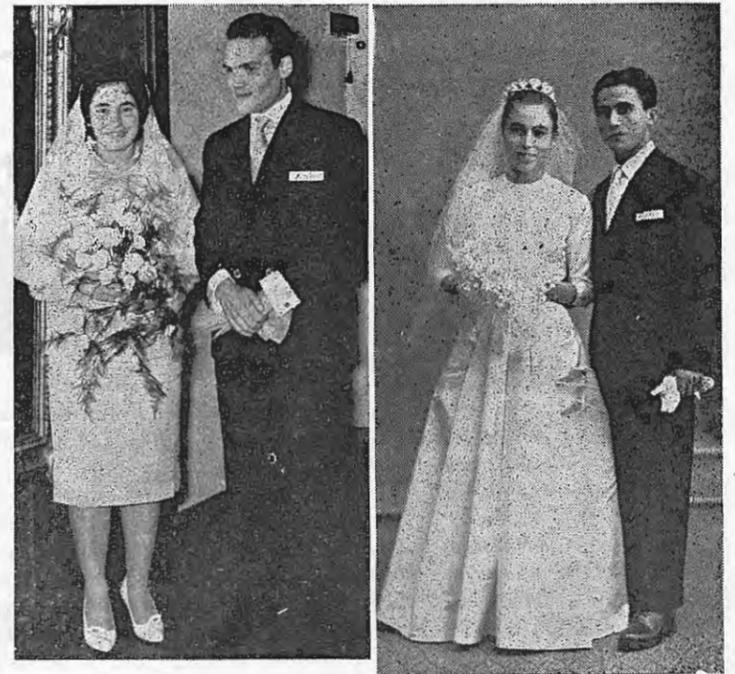
Em família de muitos filhos que completou há pouco os seus 21 anos de existência, não admira que se repitam com tanta frequência os casamentos. Os últimos meses de 1960 foram cheios.

E o ano que corre promete-nos da mesma sorte.

A carência de espaço não nos permitiu ir dando notícias à medida que cada casamento se realizou. Hoje, número de aniversário, o jornal faz suas as Festas matrimoniais destes, cujas fotos publica, desejando que os seus lares, tal qual este onde foram criados, tenham a garantir a sua permanente felicidade, o mesmo fundamento: o Santíssimo Nome de Jesus.

Por ordem, são eles:

Diamantino, que trabalha de alfaiate no Porto. Delfim, tecelão na Senhora da Hora. Victor que foi da Casa de Miranda e hoje trabalha nos C. T. T. em Coimbra. Luís que continua trabalhando na nossa quinta de Miranda do Corvo, onde está desde pequenino. Manuel Jorge, afinador de teares na Fábrica Salgueiros.



zem muito e como valem mais pouco que nada, aí vão os nomes e as moradas dos novos assinantes.

E, agora, atenção ao Porto. Fala um Operário:

Envio esta assinatura que já a tenho em meu poder desde o ano passado mas estava a ver se arranjava mais alguma mas não foi possível, envio essa e cá fico a continuar a campanha. Conforme fôr arranizando vou enviando para aí, também peço desculpa por não ter enviado a cota de sócio mas eu tenho tido algumas dificuldades na minha vida mas conto em mandá-la breve.

Que estes dois obreiros sirvam de estímulo ao entusiasmo de lisboetas e tripeiros.

COIMBRA: É admirável como a cidade-berço da Obra trabalha tão eficazmente!

Além do testemunho simpático de um Estudante, temos outro que não merece ser escondido. Ei-lo:

«J. C. envia esta lista de queixosas...

É que fizeram parte duma grande lista que mandei em Dezembro último.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Mais e mais assinantes!

Cont. da quinta página

As restantes já receberam 3 vezes o «Famoso» e estas queixam-se que não. Aí vão os endereços das «magoadas» e em breve irão mais nomes das... incendiadas.

Bendito incêndio!

DO MINHO AO ALGARVE:

Boas notícias de Aveiro! Anda por lá de candeia acesa o assinante 13065 que apresenta uma lista de 7 deles e uma carta espumante.

Queríamos pormenorizar detalhadamente o fogo que lava em todas as cidades e vilas e aldeias de Portugal. Mas chegamos aqui... e temos de resumir, resumir, resumir!

Setúbal está com vontade! Por isso, aqui vai de bandeira em punho com Senhor Padre Acílio as esfregar as mãos. Segue o Montijo, Idanha-a-Nova e Gouveia. Mais Covilhã, e Espinho (não arrfece!),

Agueda, Moura, Vila das Aves, Lamego, Póvoa de Varzim, Faro, Portalegre (muito bem senhores alentejanos!), Albergaria-a-Velha, Melgaço, Caldas da Rainha, Alcochete, Baixa da Banheira, Outeiro da Cabeça, Aguas Santas, S. Mamede de Infesta, Alcobaça e Fafe. Um mundo de terras! Um mundo de assinantes!

ULTRAMAR: Os portugueses ultramarinos permanecem com a mesmíssima vontade em difundir o Famoso! Graças a Deus.

Pela correspondência que temos em frente, notamos presenças de Malange e Luanda, da Província de Angola.

Moçambique, como habitualmente, segue mais abonada. Só uma das listas de Lourenço Marques traz 10! E a Beira não falta. Assim, sim!

Finalmente, temos a Guiné, com gente fresca de Bissau.

E é tudo!

Júlio Mendes

Aqui LISBOA

Mais uma ano se passou na vida desta Casa. Se olharmos o passado, pode parecer muito o que se fez; mas se encararmos o futuro, há muito ainda por fazer — parece até estar tudo verdadeiramente por começar.

Nesta obra de recuperação de crianças da rua, nunca podemos julgar acabado o nosso trabalho em relação a qualquer. A todo o momento em que a criança o é, precisa de ser ensinada, ou melhor edificada. A todo o momento em que é adolescente precisa de orientação, amparo e compreensão. Quando começa a ser homem, ajuda, confiança mútua e conforto.

Final de contas, como quaisquer outros, estes rapazes são normalíssimos, uma vez que a anormalidade desapareceu — não ter família nem casa. Agora têm e sentem bem, como é bom viver entre irmãos.

E todos em conjunto, continuamente criam os problemas próprios da idade, do número e do sexo. A Casa do Gaiato é sempre uma solução parcial e deficiente. Não joga com aquele conjunto de valores morais, que por si ambientam a formação de filhos numa casa de Família. Por isso muito maior a nossa angústia ao ser impossível, apesar de todo o esforço, acumular eficaz e totalmente o papel de pai e de mãe. Quantas falhas nesta sorte de rapazes, apenas por não terem o pai e a mãe que são os seus e deviam ser capazes de os criar!

Daqui o exigirem-nos — espiritualmente é claro, — uma constante renovação de energias. O amor, a paciência, o optimismo, a adaptação às mentalidades, são condimentos insubstituíveis da sua formação.

Para que mais eficaz seja este trabalho, necessário é que o acompanhe aquele conjunto material que hoje se chama o «recurso da técnica». Mas em obras de assistência, mormente da natureza da nossa, que vive de migalhas de dedicação, são de calcular as deficiências. O que por causa delas não se pode calcular são os benefícios que adviriam se tais desaparecessem. Refiro-me à falta de apetrechamento de toda a ordem numa Casa que cristinamente procura uma íntegra formação humana. Tem havido uma diligência constante em equipar Oficinas, pelo menos do indispensável. Muito a custo temos tentado o impossível. Depois dum esboço de campanha prá Máquina da Tipografia, depusemos as armas. Só uma Assinante da Beira se manifestou pronta a continuar conosco. A máquina há-de vir, e para vergonha minha e de Lisboa, será paga com dinheiro do Porto. Com certeza o conhecimento que muitos leitores têm de nós não vai além da página deste Jornal.

Há dias, em S. Sebastião da

Pedreira, onde milhares me ouviram, uma Senhora veio dizer: «Convide as pessoas que têm carro a ir ao Tojal. Ao domingo muita gente não sabe onde ir passear, e aquilo lá é tão bonito».

Assim fiz nas Missas seguintes. E logo ao outro dia apareceu com um carro cheio, um senhor, Pai de onze filhos. Que orgulho naquele «onze». Deus os abençoe a todos. Pois caros leitores, com carro, ou se não de camioneta, venham ao Tojal encher a vossa alma de prazer espiritual ao ver como vive e cresce à sombra da Providência esta centena e tal de rapazes, outrora sem ninguém e hoje plenamente felizes, porque naquilo que é seu. A cara mais triste que cá encontram é forçosamente a mi-

nha, porque vivo na ânsia desmedida de lhes dar tudo o que precisam e não posso.

E depois falaremos: De como e de que vulto são as nossas necessidades. As escolas a restaurar e o interior de uma das alas da Casa. O não ter lugar adequado ou decente para os nossos doentes. Ou então, mais simplesmente, a carência dum aldeamento onde tudo seja feito de raiz, como sonhou e realizou o Pai Américo em Paço de Sousa — Casa apropriada a uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

E tudo dito por alto e de fugida para não assustar os leitores que pensam visitar-nos! Pois vamos a ver como será daqui em diante.

Padre José Maria



VARANDA de Beira

AQUI há tempos, tive uma ideia infeliz. Na ânsia de divertir os rapazes entrego a todos eles gaitas e assobios. Durante todo o dia, foi animação e alegria. À noite, porém, vem-me o arrependimento, mas tardio. Encontro-me na sala de jogos mais eles. E eles pegam nos assobios e desatam a soprar. É um berreiro ensurdecedor. Tapo os ouvidos. Mando parar. Qual? Vem um direito a mim e diz-me: — Então, para que nos deu os apitos? — Triste ideia a minha!

O frio continua a apertar. As manhãs teimam em gelar as veias. Os pezinhos dos rapazes andam roxos. Para atenuar o mal entregamos chancas a todos eles. Este calçado típico do norte é ideal para estas paragens húmidas em tempo frio. A madeira de que são soladas é bom isolador e não permite a infiltração da água. Até aqui muito certo. O pior são as consequências. É medonho o barulho que as ditas produzem. Eles vão de chancas pró refeitório, de chancas prá escola, com elas prá capela e pra toda a parte. De modo que o barulho é insuportável. Mas que remédio, se eles assim andam quentinhos!

Tavez não haja na natureza exemplo mais palpante de labor, sobretudo do labor organizado, do que aquele que as abelhas ofertam. E não é só o trabalho. É a constância. A união. E o resultado palpável! Elas são tema rico para ensinar aos rapazes. Ora, soube há dias de mais outra particularidade curiosa. Os entendidos dizem que as abelhas não gostam de maus odores. Irritam-se, e ferram. Apreciam o asseio e respeitam apenas quem delas se abeira asseado. Gostei de saber isto para o transmitir aos rapazes às vezes tão descuidados na higiene consigo próprios.

Ora, o Tóto quis ir colher de perto a lição. Chegou-se às colmeias e espreitou. Resultado: voltou de cara inchada. Resta saber se ele ia limpo.

Gostava que os senhores visitantes viessem à semana aproveitar o espectáculo que constitui a vida dos rapazes entregues ao

trabalho. O trabalho é escola. Valoriza a existência. Prepara o futuro de cada um deles. E, quantas vezes, os liberta da vadiagem e da ociosidade, dando-lhes a alegria de comerem o que o suor regou!

Estão diante de mim os rapazes na azáfama da sementeira da batata. O Carlos, de mão ao arado, comanda. Sanjoanense toca os bois. José Maria espalha o estrume com muito jeito. Antero, Arraiolos e Electricista preparam os regos. As horas passam. O dia declina. A terra revolvida esconde em silêncio a semente prometedor. Ao longe, na mata, cantam os rapazes do Tóto, enquanto apanham lenha. Os do Chucha, mais ronceiros, transportam terra em padiolas. No forno os do gado cegam erva verdejante. Gigos poisados esperam-na. A dois passos pastam os bois e as vacas felizes.

Da casa mãe vozes juvenis acclamam vida e movimento. A chaminé fumega que a refeição está prestes. E o refeitório encontra-se já escancarado e reconfortante. Mas o dever cumprido é, sem dúvida, a melhor paga ao esforço dispendido. A paz que dele resulta faz cessar no homem a ansiedade.

Padre Baptista

CHALES DE ORDINS

O Porto com carta amiga e 120\$ veio por uma *écharpe*. Do Minho ao Algarve, Ordins é conhecida pelos seus chales. Agora é a vez de Faro. Lisboa agasalha «uma senhora pobre e velhinha de quem sou amiga». Para o Porto meia dúzia de chales. Mais Porto.

Castro Daire aqui vai. De Alcobaca pessoa amiga vem por mais um. A R. de Moçambique, em Lisboa, não nos esquece. Desta feita, foi um vale de 500. Até os Seminários vêm aos chales. Assim dos Olivais: «também lhe trago um pedido, que o coração me doi de não fazer mais. Mas a caridade para com os pobres é que nos ensina a pobreza. Bem gostaria de ter para dar. Mas até isso o Senhor me exige: desprender-me de mim mesmo, da alegria de dar». Mais Lisboa, de quem voltou. Maria da Anunciação quis agasalhar Nossa Senhora e o Menino Jesus com um dos nossos chales, cobrindo uma doente do Calvário.

A Capital lembra-se de Alfândega da Fé e com 140\$ lá foi um chale. Mais dois para o Barredo. O Fernando Dias veio por um para a sua Conferência.

Do Porto e Lisboa medicamentos. Maria Júlia envia selos. De quando em quando, 10\$ em selos. De Lisboa. A avó de Mosca vide triplica. É para novelas. Os leitores até parece que se esqueceram... Alguém deu 20, sem que se lhe vissem as mãos. Outras mãos anónimas esconderam-se ao abrir. De Valongo, vale de 50. Carvais trouxe roupas e Newark um cheque de dólares. Mobiliário da Adico. O nosso consultório vai-se apetrechando. Disse que os selos seriam para o que nele nos falta. Ora eu recebi até agora 578\$70 e tenho diante de mim duas facturas, relativas a um suporte rodado e a uma estante, totalizando 2.083\$60. Até já nem quero falar nos ferros para a extracção de dentes. Lá se me foram quase os dentes só com os algarismos!

De «alguém que distribuiu por todos» 200, enviados pelo Manuel Pinto. Metade duma bragues. Outro tanto de minha família, «pois não podia nesta quadra passar alheia a essa sua tão grande obra que precisa e conta com o auxílio de todos». De Lisboa, idem. Visita dum

Padre Amigo e metade. Aveiro com outro tanto para ajuda dum chale para uma pobre.

De Esmoriz, 200 para camas, de quem já tinha vindo com metade. Promete, agora, um cobertor. Maria da Saudade traz selos. «Vão atrasados». Olhe que não. Chegam sempre a tempo, quando saem daí com a costurada boa vontade de ajudar a cruz dos outros.

Para Castelo Branco foram um chale e dois tapetes de lã. Para Lisboa dois chales e três camisolas. A senhora das camisolas continua com a mesma regularidade a dar-nos trabalho.

Não teremos mais chales em azul celeste e rosa. O branco pode substituir estas cores e assim não teremos tanto empate de lãs.

Os nossos teares já estão todos a trabalhar. Precisamos de encomendas. Há uma carpeta de lã cinzenta, granada e branca, medindo 1,60x1,30 e avaliada em 350\$00. A quatro cores (beje, azul celeste, granada e amarelo) está a fazer-se outra. Preço das carpettes: 170\$ o m2.

As encomendas devem vir directamente para a Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

E até à próxima, se Deus quiser.

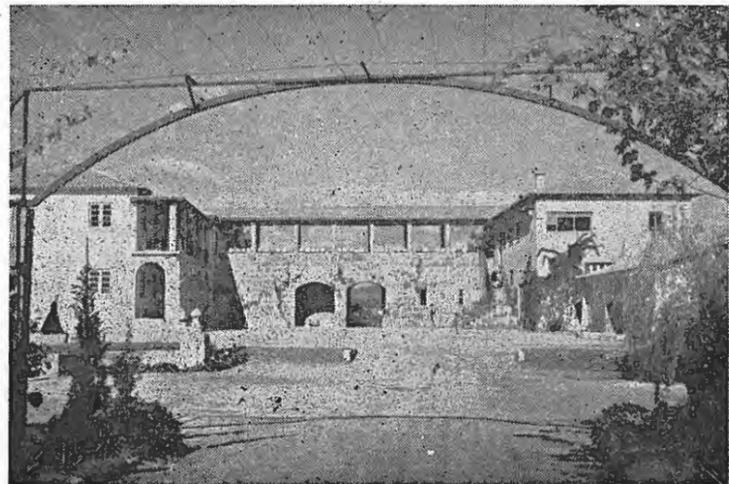
Padre Aires

Uma Carta do Ti Lobato

Calvário, 18-2-61

Vivo aborrecido; tenho coelhos tenho rolas e uma suína mas ainda tenho pouco. Lembra às Senhoras que vinham cá todas as sextas-feiras que faz sexta-feira santa um ano que me trouxeram um cabrito o qual foi o jantar dos rapazes da ceifa. Agora lembrava às Senhoras e a todos os leitores do Gaiato que se lembrassem do Ti Lobato. Ou um cabrito, ou um casal de ovelhinhas que eu lhes agradecer e ao mesmo tempo lembro aos leitores que eu até ao meio dia ando a lidar com água e o calçado é fraco se tivessem algum calçado fora de uso mesmo que precise de algum concerto vem cá um sapateiro dois dias por semana e ele arranja. Também precisa de comer eu não peço só para mim mas para todos os meus irmãos doentes. Nosso Senhor Jesus Cristo vos pagará. Todos de saúde é o que Ti Lobato deseja a todos os leitores.

Ti Lobato



Casa do Gaiato de Beira

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

Vou ver se consigo alguns assinantes.

As obras precisam de mais e mais contribuintes e «O Gaiato» de mais e mais assinantes.

Deus vela pela Obra. Pai Américo também continua a velar.

Mas a salvação tem de ser obra de todos.

★

Que Deus lhe dê saúde e a todos os seus «filhos» e as maiores prosperidades no ano de 1961, para a Obra do saudoso Padre Américo, que nunca poderá ser esquecida por todos aqueles que tanto lhe devem e não são só os que colhem os benefícios da Obra, mas também todos aqueles a quem Sua palavra iluminou as almas e consolou os corações.

PARTICIPAÇÃO NOS NOSSOS CUIDADOS

Junto envio esta pequena importância que se destina à Senhora Ana de Jesus.

Fui a Aguas Santas para a ver mas disseram-me que já não mora lá e ter passado a viver com a filha visto estar muito doente.

Fiquei muito triste, pois sei bem o Amor que ela tinha à sua linda casinha.

Peço a V. Reverência o favor de lhe dizer que esta lembrança é da Senhora que lhe mandou as bolachas.

Muito me custa saber que não vive numa casa limpa e asseada como a do Património!

SIMPATIA QUE NOS CONFUNDE

Outro dia, à meia noite, quando entrei em casa, estavam a tirar da adega um tonel, tendo ido chamar um criado para os ajudar! Francamente rabujei, porque além de achar um abuso, o criado que devia estar cheio de sono podia magoar-se e magoar os outros. Sabendo há dois dias que se tratava de servir a maravilhosa obra dos Gaiatos iniciada pelo grande Padre Américo, eu venho contrita dizer: *mea culpa, mea máxima culpa.* Acho que essa grande Obra tem direito a tudo: a acordar toda a gente, a incomodar todo o mundo quando necessário, em benefício dessa maravilhosa Obra.

DESABAFOS ÍNTIMOS

Sou-vos devedora, não sei bem ao certo, de cinco ou seis anos, do nosso tão querido jornal.

Dizer que o Nosso Bom Deus me não tem auxiliado com a Sua divina misericórdia, faltaria à verdade, mas luto com a indiferença do marido que não sente a Sua Doutrina e por isso ainda não consegui que dispusesse da importância em dívida. Porém

Cont. da quarta página

eu sinto a absoluta necessidade da Sua presença no meu lar.

Sempre que me é possível vou mandando umas migalhinhas, produto de alguns trabalhos que vou fazendo. Peço-lhe, Padre uma oração dos pequeninos, pelos meus filhinhos, que me alentam a levar a cruz que Cristo achou que eu podia suportar.

O FAMOSO

«Vitamina para as almas»

Como o mundo se modificaria se houvesse maior número de leitores assíduos daquelas páginas de verdade que eu acho a melhor vitamina para as almas.

É esta a razão que me tem levado a falar do Gaiato e a metê-lo em todas as casas que me é possível.

Venho hoje pagar as minhas dívidas para com essa casa, que tanto bem tem feito à minha alma, só Deus o sabe...

★

«O meu bálsamo»

Envio um vale para pagar um ano do meu bálsamo «O Gaiato»; o resto é para uma esmola a entregar a um dos nossos irmãos do Barredo, que Deus os ajude a levar a cruz ao Calvário!

★

Livro de Meditação

Leio «O Gaiato» quase desde o primeiro número e serve-me de meditação, pois como eu poderia ter feito muito boas obras se vivesse e praticasse a doutrina por ele exposta.

Mas nem todos temos o dom de ser tocados, embora, reconheçamos a cada momento o efeito da graça de Deus nos nossos actos.

★

Nesta envio a pequenina quan-

tia para pôr em dia estas 5 assinaturas que junto à mesma envio, peço para que os ponha no rol dos que pagam bem, pois sendo pobres remediados, fazem todo o possível para não atrazar as suas contas, com aquele que muitas vezes lhe serve de meditação.

★

A minha migalhinha para pagar algumas das alegrias e tristezas que o nosso Famoso nos dá.

Tanta luz a abrir novos horizontes em nossas almas tão pecadoras e tão descuidadas.

★

«Evangelho»

Isto é um sanatório. São tuberculosos que não podendo ir à missa querem ler o Evangelho, que é o nosso jornal.

★

Segue um vale de correio.

Peço desculpa de ser tão pouco. O espírito da letra desse jornal não tem moeda que o pague.

★

Envio 50\$00 para pagamento da minha assinatura que tem o número 5093, ou 5893? Vem sempre safado o número que se não compreende. Sejam perfeitos!

Isto não é ralhar, é que gostava de saber o número certo.

★

Fonte de Heroísmo

Venho por este meio pagar a minha assinatura na qual peço imensa desculpa de só agora vos enviar o dinheiro mas creiam que só agora me foi possível, porque sou pobre e tive que tirar um pouquinho todas as semanas dentro das minhas economias para assim poder juntar o dinheiro para vos enviar. É pouco mas é de todo o coração.

Filhos de pai incógnito

Eu arranjava uns dias de licença, e meti-me à «boleia». Cheguei ao Porto, eram duas horas da madrugada. A caminho de casa, deparei com um quadro digno de ser visto e apreciado, mas só para que dele saísse luz com que cegar a gente que tendo olhos, não tem visto a causa de tantos e tão vastos crimes, e a consequência de tanta necessidade de construir cadeias e sanatórios.

Oh! Quantos crimes e quantos hospitais seriam banidos, se desaparecesse das Conservatórias dos Registos Cíveis, aquele ultrage que tanta dor e tanta infelicidade constroi, e deixa ao léu caras aparentemente de boa sociedade, mas cujo coração é perfídia e traição. De entre todos os chamados filhos de pais incógnitos, não encontrei ainda um que me dissesse desconhecer o pai. E o que mais me leva a pedir Justiça é precisamente porque por detrás desse anonimato tão cobarde, existem corações de gente ilustre. Por isso é que a mulher que fôr seduzida por esse senhor, encontrará sempre o ferrete de prostituta. É o lugar de destaque na sociedade que assim o exige, para que a vergonha seja unicamente para a pobre mulher ou rapariga que fôr seduzida, e para que não haja que apontar ao senhor fulano, que continua esfregando as mãos, porque o seu crime não é punido. E neste andar, vê-se constantemente por toda a parte o que eu vi naquela madrugada.

gada. Foi ali ao pé do jardim de S. Lázaro. Dois homens e uma mulher, saiam dum portal: ela, em desalinho; eles, de meia idade eshofeteavam a pobre mulher, tornando-a ainda mais desgraçada.

Eu parei e olhei a minha farda e mais a consciência, e fui para o local. E então, todos os meus rancores saíram para fora. Perguntei se eles não tinham irmãos, mãe, ou mesmo filhas, expostas à vida daquela mulher. Quizera eu naquele momento que a presença de algum Juiz pudesse ser notada para julgar os algozes. Se ouvisse a história daquela mulher, como eu a ouvi, decerto que também amarias aquela mulher pecadora, como se fora uma tua filha ou uma irmã.

As mulheres de Portugal, costumam ser tão «ferronhas», que serão elas mais uma vez a bradarem por este ideal, que afinal é da Nação. Eis um bocadinho duma carta de quem ama: «... Porque não se formar uma Liga Feminina em defesa destas pobres mulheres?...»

Ora aqui tens com que meditates, amiga Leitora que lês com o coração o Famoso.

Não deixes que mulheres e crianças, sejam martirizadas pela perfídia e cobardia de senhores, mas sem o carácter e sem uma boa consciência.

Avante?!...

Ernesto Pinto

30.000x20=50 casas

Passou há pouco o aniversário desta ideia posta em marcha. Ideia fácil nos parecia — e parecia poder concluir-se da reacção dos nossos assinantes. Afinal, ela esmoreceu, a confirmar-nos que as suposições humanas e a lógica deste mundo, não são o terreno mais firme para construir esta Obra de Deus. Mas a sugestão não se perdeu

de todo. A *filio de água* a corrente continua. Nem se extinguiram aquelas manifestações de delicadeza que a Caridade gera: os dos 20\$ mensais; os que dão por si e por todos os membros da Família; os que dão pelos que gostariam de dar e não podem dar; os que «muito mais desejariam enviar, mas Deus bem sabe que não é possível».

É a beleza sempre nova dos primeiros ordenados e dos aumentos de salário, mais dos que vão por entre os amigos a cobrar por amor de Deus e aos Pobres, e dos que não mandam mais por se acharem empenhados com a construção das suas casitas. São os que lembram outras necessidades da Obra da Rua e não esquecem esta.

São os votos muitas vezes e de muitos modos repetidos: «Que o Senhor vos ajude e abençoe sempre». São os que se atrazaram na sua devoção e voluntariamente mandam os juros de demora. São muitos anónimos. São crentes e descrentes. É no Espelho da Moda e, de lés a lés, de todo o Portugal, europeu e Ultramarino. É «por ser hoje o aniversário de nossa querida mãe falecida há 5 anos». É o que «quer entrar na composição da fórmula dessa tão feliz operação matemática».

Resultado: 2.470\$00.

Daniel

TORRE DE LONDRES

Graças à Monotype Corporation nos encontramos aqui, onde temos sido alvo de muitas atenções que não podemos esquecer e muito agradecemos.

As nossas primeiras impressões desta grande cidade, são as melhores. Londres é monumental. A City, com a grandiosa Catedral de S. Paulo, Palácio de Buckingham, Abadia Westminster. O imenso parque de diversões. As Casas do Parlamento. Hyde Park, Parque de S. James, Torre de Londres, em estilo românico, riquíssima na sua história. Trafalgar Square, um dos pontos mais conhecidos, onde se pode ver a Galeria Nacional de Pintura, e a magnífica coluna de Nelson.

Apesar de neste tempo, o sol

ser uma raridade, Londres não deixa de ter a sua beleza, a sua poesia. O encanto do culto povo inglês que descansadamente passa ou que descansadamente lê o jornal. A gente de Londres lê muito e delicia-se com os magníficos programas de Televisão que são, na realidade, um espectáculo, ao contrário do que acontece com outros países. É um povo muito amigo da casa. 7, 8 horas, não há ninguém nas ruas.

★

Estamos na Monotype School para aprendermos algo e temos feito para aproveitarmos, apesar das imensas dificuldades de toda a ordem que nos cercam, mas a vontade de aprender é bastante.

A Monotype School é uma das Escolas melhor organizadas que

há e os seus instrutores são competentíssimos. Têm sido incansáveis para nossa completa assimilação. Estamos 6 semanas praticando no Keyboard e outras 6 na Caster, ou seja, no teclado e na fundidora.

Aqui se encontram, a aprender, rapazes de todas as partes e de quase todos os países da Europa, no meio dos quais nos encontramos muito contentes e todos somos já muito amigos. A Monotype aqui, é uma magnífica família.

Quando pudermos falaremos um pouco de técnica, de pontualidade, consciência e calma no trabalho, onde se opera com a máxima exactidão, que se me tem dado apreciar.

Para os Senhores Padres, todos os colegas, muito em especial os Tipógrafos, para todos os leitores, vão as saudades, o abraço, o coração, do

